

THORZINHO

Revista Literária
ISSN XXXX-XXXX

Volume I – Núm. 02 – 01 de março de 2026



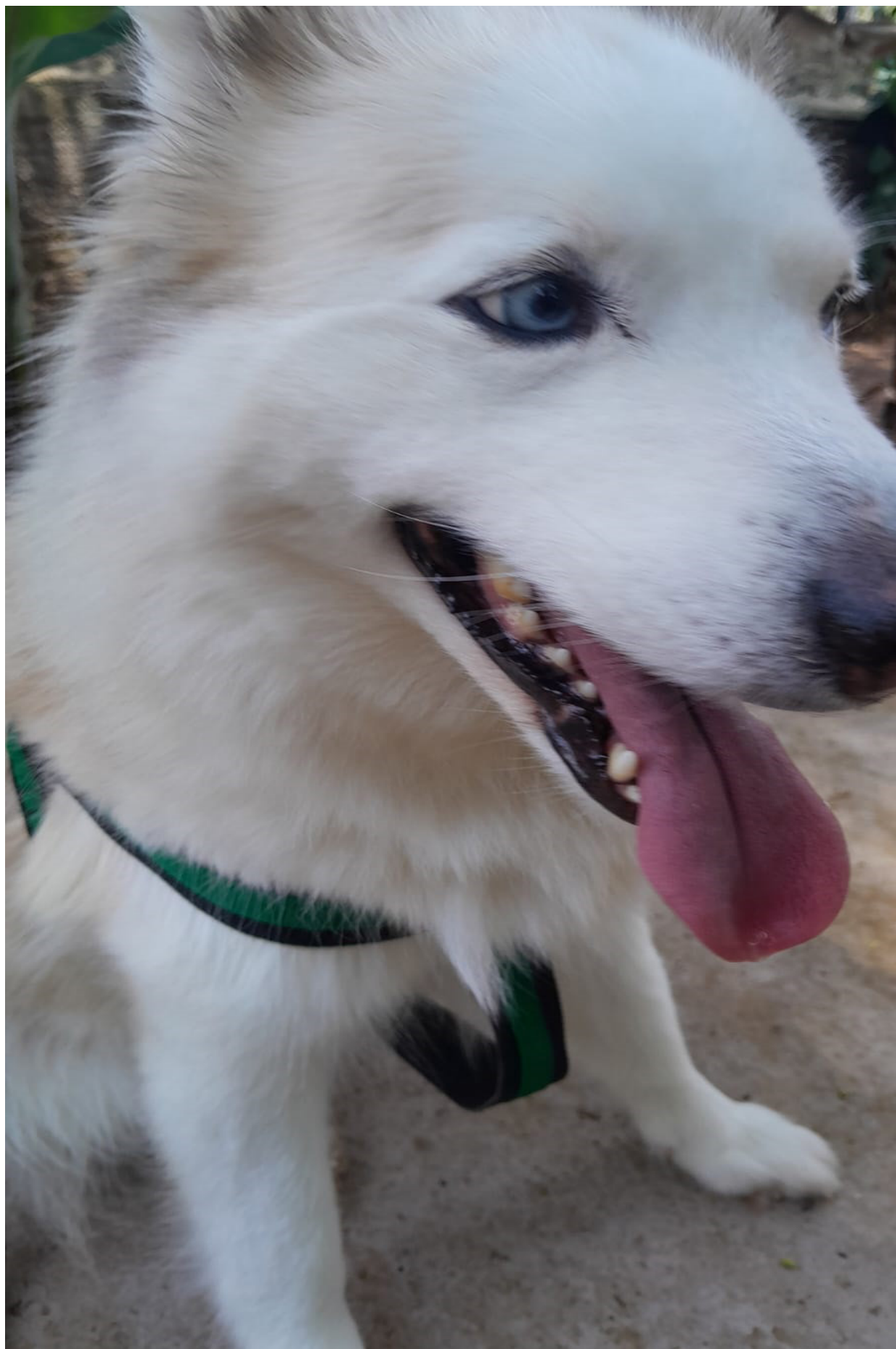
Imagem: Silvane Fernandes

POEMAS

Meu cachorro Costelinha

Daniel Bezerra

PÁGINA 38



Palavras aos leitores e às leitoras

A Revista Thorzinho chega à sua segunda edição como um filhote que aprende a caminhar sobre a terra ainda úmida de orvalho. Crescemos pouco em número, mas muito em propósito. Cada página desta edição é uma semente plantada em solo que insiste em florescer, mesmo quando o mundo parece apressado demais para perceber os jardins.

Agradecemos aos que acreditam no crescimento desta revista como quem acredita que uma árvore pequena pode um dia oferecer sombra generosa. Vocês são a água que nos rega, a luz que nos orienta e o chão firme onde firmamos nossas patas.

Vivemos tempos em que sentir o cheiro das flores exige coragem e observar pássaros no céu é quase um ato de resistência. A multidão corre, os dias se atropelam, e a natureza parece pedir silêncio para continuar existindo. É nesse cenário que a Thorzinho se levanta, não como ruído, mas como consciência. Não como barulho, mas como presença.

Aos nossos leitores, nosso mais profundo reconhecimento. Vocês são o coração que pulsa por trás de cada edição. São olhos atentos que ainda enxergam beleza nas pequenas coisas, mãos que protegem, vozes que defendem. A revista cresce porque vocês a sustentam com esperança.

A Thorzinho é um grito silencioso em favor do amor pelo meio ambiente e pela causa animal. É o eco suave de um ronronar que pede cuidado. É o latido que alerta para a injustiça. É a folhinha seca que cai ao chão e nos lembra que tudo tem ciclo, mas nada deve ser descartado com indiferença.

Resistiremos. Resistiremos à maldade com ternura firme. Resistiremos à brutalidade com consciência desperta. Resistiremos à pressa com paciência ativa. Seguiremos anunciando o amor e a Verdade como o jumentinho humilde que conduziu Jesus Cristo para o Egito, sustentando em seus passos simples uma missão maior que o próprio peso do mundo.

Que esta segunda edição seja raiz que se aprofunda, galho que se estende e fruto que alimenta. Que cresçamos fortes, inteligentes e cuidadosos. Que nunca percamos a delicadeza de quem acredita que o mundo ainda pode voltar a ter cheiro de flor e céu cheio de pássaros.

Com gratidão serena,

Rosângela Trajano

Editora-chefe



Contos

Alexandra Ferreira

Vive no Porto e tem um filho. É Engenheira Civil e Mestre em Engenharia Rodoviária.

A escrita é uma paixão antiga. Publica em Revistas Literárias e Seminários. É colunista no Contos de Samsara, cronista no Clube dos 7 e membro dos Clubes Escrevintes, Escritores de Alvorada e Transatlânticos. Publicou os livros - *Sombras com Rosto*, *Um Verão Sem Ti* e *Folhas Soltas I*, e participou em Antologias (Saudade, Contos de Natal, Liberdade, Cartas de Amor, Porto Uma Cidade com Alma, Lisboa uma Cidade Mágica, Flor dos Amores).



NOVO COMPANHEIRO

O dia amanhece sorridente espicaçando-nos para desfrutar a praia. Acompanhada pelo Miguel e Gonçalo, caminho alegre até à marginal já bem povoada. Descemos as escadas, tiramos os chinelos e mal pisamos a areia morna, o Gonçalo excitado pede para jogar. Sem esperar que nos acomodássemos, tira a t-shirt e corre até à beira-mar.

Sento-me e observo, coloridas toalhas alindam a palidez da areia, banhistas conversam animados, gaivotas calcorreiam procurando alimento.

O Gonçalo corre atrás da bola de futebol vermelha que recebeu na véspera, prenda dos avós. Cai e levanta-se radiante por partilhar este momento com o pai.

O mar está revolto, as ondas dançam uma balsa bem ritmada, espalhando-se com longos braços, ocupando a areia ainda enxuta. A maré sobe sorrateira, incomodando os mais distraídos. Os dois jogadores alheados da força da natureza, são apanhados desprevenidos. Uma onda mais atrevida desequilibra-os, roubando-lhes a bola. O Gonçalo segue-a, penetrando na água, mas é impedido de continuar pelo Miguel.

Vou ao seu encontro. O filhote desespera com a passividade do progenitor. Assistimos impotentes ao afogamento da bola, quando um focinho negro reluz no azul pastel. Alcança-a, apanha-a com a boca e nada desafiando a corrente. Um bonito cão sai da água cansado. Aproxima-se do Gonçalo, depositando-a aos seus pés. Ele recua, assustado com o porte do animal.

Visualizamos uma bola rebentada. O Gonçalo desata a soluçar inconsolável.

O cão sente que o esforço foi inglório, mete o focinho entre as patas, afastando-se entristecido.

Chamo-o. Vem cabisbaixo e deita-se assumindo um ar pachorrento. É um amoroso labrador pequeno. O Gonçalo esquece a desventura quando olha para os seus meigos olhos. A bola ganha nova vida e os dois amigos brincam até à exaustão.

Ao entardecer, regressamos a casa cansados e felizes com o novo companheiro.



Crônicas

Alexandra Ferreira

Vive no Porto e tem um filho. É Engenheira Civil e Mestre em Engenharia Rodoviária.

A escrita é uma paixão antiga. Publica em Revistas Literárias e Seminários. É colunista no Contos de Samsara, cronista no Clube dos 7 e membro dos Clubes Escrevintes, Escritores de Alvorada e Transatlânticos. Publicou os livros - *Sombras com Rosto*, *Um Verão Sem Ti* e *Folhas Soltas I*, e participou em Antologias (Saudade, Contos de Natal, Liberdade, Cartas de Amor, Porto Uma Cidade com Alma, Lisboa uma Cidade Mágica, Flor dos Amores).



Geada Negra

Os habitantes do Vale do Varosa despertaram na manhã do dia 12 de maio com o céu limpo, apaziguador da madrugada fria. Um manto branco cobria as novidades e encobria os rebentos das árvores de fruto e das vinhas. A brancura feriu os olhos cansados dos lavradores após uma noite de insónia, temendo visualizar o cenário descrito pelos seus antepassados duma geada devastadora. Os relatos desse evento, no século passado, eram desanimadores e o resultado foi catastrófico, reduzindo o já fraco sustento que a população deste vale usufruía. As condições climatéricas do início da primavera, risonha e amena, fizeram florescer a cultura frutícola e a horticultura colorindo a paisagem. A maioria dos aldeãos esperava uma colheita farta e um ano agrícola tranquilo. Apenas o Sr. Joaquim Osório, o ancião mais abastado, lia sinais sombrios na natureza. A D. Augusta, a esposa, testemunhou intranquilidade no marido, nunca presenciada na já longa vida em comum.

Quebrados pelo acontecimento arrasador, a população assiste de braços caídos e olhar cabisbaixo ao derreter do gelo pelo calor dos raios do sol, desnudando a negrura das culturas queimadas pelo trágico fenómeno.

Abandono o centro da aldeia e dirijo-me à Quinta da Família Osório.

O Sr. Joaquim Osório está no logradouro, sentado no banco de onde todas as manhãs observa a vinha, apoiado na bengala. Recebe-me prostrado com a testa enrugada.

- A menina ainda é muito jovem, provavelmente nunca ouviu falar na “geada negra” – pronunciou com uma voz apagada.

- Acertou, desconhecia este termo climatológico até hoje.

- Os meus pais testemunharam um na juventude. Foi de tal forma trágico que, nesse ano, os mais desfavorecidos passaram fome!

- A sua esposa disse-me que nos últimos dias andou ansioso. Antecipava este episódio?

- A Augusta conhece-me melhor que ninguém!

Exclama com um sorriso nos lábios. Continua retomando a seriedade.

- Vou confessar-lhe que a doçura desta primavera me inquietou. A minha intuição dizia-me que uma tempestade se aproximava, o coração entristecia com esta visão. Sabia que iria ser algo tenebroso. Ontem, o arrefecimento ao entardecer fez-me rememorar as palavras do meu pai e antevi este desfecho. Foi uma visão funesta.

Os olhos escureceram enquanto olhava na direção do mar negro que cobria a paisagem. Não desviou o olhar por um segundo sequer, enquanto me dava uma curta lição.

- A geada, normalmente, forma-se pela manhã, depois de uma noite sem nuvens, com pouco vento e temperaturas muito baixas. O céu limpo é ideal para o seu desenvolvimento porque o calor retido durante o dia dissipa-se mais rápido quando não há nuvens. Decorre do processo de congelamento do orvalho sobre qualquer superfície. A geada branca faz parte do cotidiano durante o inverno.

Ficamos em silêncio uns minutos. Ganhei coragem para lhe colocar a questão que me apoquentava:

- Com a sapiência duma vida dedicada a esta quinta tão bonita, considera que este episódio é singular ou advém duma natureza zangada com a humanidade que a afronta diariamente?

Respira fundo e leva a mão à cabeça acariciando a ainda farta cabeleira grisalha. Dirige-me

um olhar enigmático. Percebo que procura as palavras certas para responder à minha pergunta. Finalmente fala com um timbre agudo:

- Minha querida, o destino a Deus pertence e a mãe natureza tem uma capacidade infinita de superação.

Para de novo para ganhar fôlego.

- Mas não é menos verdade que os homens a desafiam descaradamente. Nos últimos anos o quarteto das estações reorganizou-se formando um dueto! O clima está a mudar e a mãe natureza envia-nos sinais de que temo não estarmos à altura de os interpretar.

Observo-o com admiração. Remata com um tom de voz grave.

- A ambição é o maior inimigo do homem e a fraqueza a sua maior desventura.

Despedimo-nos com tristeza, dor e uma réstia de esperança.

Contrariamente à geada branca, em vez de se formar uma película de gelo sobre a planta dá-se a congelação interna da planta (da seiva), a planta fica escura, queimada e morre. É este fenómeno que foi batizado por “geada negra” pelos agricultores.

Contemplo o idílico Vale enlutado, preocupada com o sustento das famílias, antevendo um verão descolorido, numa região pobre, predominantemente rural, em que os pequenos proprietários subsistem da agricultura.

Cascas de alho

Christina Ramalho

Ontem, a fila no supermercado de bairro estava pequena. À minha frente, uma senhora magrinha e bem idosa organizava, na esteira da caixa, uns cinco ou seis produtos (de que não me recordo mais). Ela aguardava que a cliente anterior finalizasse o pagamento.

Uma cena corriqueira, que habita todas as cidades do mundo. E eu nela, sem pensar em nada que não fosse o cumprimento de uma tarefa igualmente comum: abastecer um pouco a geladeira de minha casa.

De repente, percebi que a senhorinha tinha duas cabeças de alho nas mãos. Ela verificou o andamento da finalização da compra da outra cliente e, olhando para as duas cabeças de alho, começou a descascá-las meticulosamente. Jogava, paulatinamente, as cascas na cestinha plástica e voltava a observar os alhos, para conferir o trabalho feito. Tirou, cuidadosa, mais uma pelezinha de um, e se voltou, satisfeita, para as compras, mantendo as cabeças de alho nas mãos.

Quando chegou a vez de ela passar os produtos para a mocinha da caixa, manteve as cabeças de alho nas mãos e passou o resto. A mocinha foi processando a compra, e quando havia lido o código de barras do último produto, a senhorinha lhe perguntou qual era o total a pagar até ali. E mocinha disse o valor (também não me recordo) e a senhorinha, balançando afirmativamente a cabeça, lhe entregou uma das cabeças de alho para pesar, aguardou o novo total e, mais uma vez assertiva, entregou a segunda cabeça, ouviu o total definitivo e tirou da bolsinha de pano que carregava o dinheiro para pagar as compras.

Então eu entendi tudo! Ela tirou as cascas do alho para que o peso diminuísse e, em seu dinheiro, pudessem caber todas as compras. Sequer posso imaginar quanto de peso foi eliminado com a estratégia. Quantas microgramas? Nunca saberei, mas acreditei na sabedoria daquela senhora e imediatamente me lembrei das inúmeras vezes em que as cestinhas dos supermercados têm restos de cascas de alhos abandonadas no fundo.

Esse fato mexeu comigo. Minha vontade foi ir até o hortifrúti do mercado e pegar trinta cabeças de alho para dar àquela senhora. Pareceu-me tão duro que alguém chegasse ao ponto de precisar tirar as cascas de alho para poder realizar a desejada compra... Lembrei de muitas coisas triste relacionadas à pobreza, ao enfrentamento diário das dificuldades para

levar alimentos para casa, à injustiça que coloca uns no setor de importados, diets, queijos e guloseimas e outros na corda bamba da soma que definirá se o que se escolheu irá ou não para suas casas...

Passei o dia pensando naquilo. Lembrei do livro “A fome”, do argentino Martín Caparrós, cuja leitura me causou profundo espanto, dada a natureza inacreditável das fomes descritas e narradas a partir das viagens que ele fez pelo mundo, na condição de observador desse fenômeno aviltante que comprova os descaminhos da Humanidade. Lembrei da luta que é convencer quem só considera o país a partir de índices do mercado e acredita, com força, na “lei do esforço” e no “mérito”, como se qualquer pessoa pudesse enriquecer rapidamente a partir de esforços próprios. Recordei que há pouco tempo, passou-se a considerar normal filas para comprar ossos ou pés de galinha. E foi me doendo a certeza de que levar em consideração, em primeiro lugar, as pessoas que pouco ou nada têm é visto por muitíssima gente como populismo ou um assistencialismo que prejudica que essas pessoas “tenham sucesso” ou sejam “empreendedoras”.

Contudo, esse acúmulo de lembranças e sentimentos negativos, repentinamente, deu uma cambalhota: retirar as cascas de alho não foi só uma estratégia da senhorinha sabida para comprar tudo o que queria! Ela, na verdade, me ofereceu uma bela metáfora da própria sobrevivência! Afinal, quantas metafóricas cascas de alho precisamos descartar para podermos seguir em frente na vida?

Cascas de alho podem ser os defeitos das pessoas com quem convivemos. O amor nos faz eliminar esses defeitos na hora da balança afetiva para podermos seguir admirando, nelas, as qualidades que nos fazem bem.

Cascas de alho podem ser os traumas que todos temos e que precisam ser deixados de lado se queremos (mesmo!) encontrar alguma felicidade nesta vida.

Cascas de alho são pessoas que, definitivamente, não devem estar em nossa rotina, porque nos fazem mal.

Cascas de alho são as imbecilidades que circulam nas mídias e redes sociais, exigindo de nós o “respirar fundo” para ignorá-las, a fim de que não se fixem em nossa pele e em nosso pensamento como o próprio cheiro do alho, exímio em se impregnar em nossas mãos e em nosso hálito.

Cascas de alho são os ressentimentos, os desejos de vingança, o orgulho, a vaidade, a inveja, o consumismo, o materialismo, a insensibilidade, o desamor.

Cascas de alho são os pesos extras dos quais devemos nos livrar, principalmente quando

percebemos que é preciso estar mais leve para passar pelo pedágio da vida.

E aquela senhorinha imediatamente saiu da bagagem das lástimas e das penas (essa que costumamos carregar para aliviar nossa consciência e nos sentirmos sensíveis e humanos, mesmo que não façamos coisa alguma por qualquer senhorinha como aquela) e entrou na bagagem das mestras. Em seu gesto, ela compôs uma metáfora perfeita. E, ainda que cascas de alho possam ter finalidade medicinal, se aproveitadas adequadamente, vou preferir descartá-las, deixando essa missão de resgate para outros espíritos mais elevados.

Eu quero ser como aquela senhorinha, que saiu toda prosa com suas duas sacolinhas de compra, que, claro, incluíam as duas cabeças de alho. Obrigada, mestra!

Mas, convém dizer para concluir, há quem prefira ser as cascas de alho agonizando no fundo da cestinha.

Constanza

Denise Camargo Lancia

No mundo líquido do meu aquário, onde as plantas ondulam suavemente ao ritmo das correntes e as pedras fornecem refúgio tranquilo, Constanza reina como um soberano pacífico. Seu corpo negro, contrastando com as cores vivas do ambiente aquático, desliza com elegância através das águas, como uma sombra graciosa dançando sob a luz filtrada.

Constanza é mais do que um simples peixe; ele é uma presença serena que infunde o aquário com uma sensação de calma e harmonia. Seus movimentos são como pinceladas suaves em uma tela líquida, criando padrões que fluem e se desdobram com uma beleza única. Às vezes, ele se esconde entre as folhas das plantas, observando o mundo ao seu redor com olhos curiosos e tranquilos.

Nos momentos de alimentação, Constanza emerge de seu esconderijo com graça, nadando com determinação em direção à comida que flutua na superfície. Sua presença é uma lembrança constante da vida pulsante que habita o aquário, uma pequena criatura em um mundo próprio, mas conectada ao universo ao seu redor.

À noite, quando as luzes se apagam e o aquário mergulha na escuridão, Constanza repousa serenamente no fundo, sua respiração tranquila ecoando suavemente nas águas silenciosas. É um momento de paz e contemplação, quando o mundo exterior desaparece e apenas a vida dentro do aquário permanece, um microcosmo de tranquilidade em um mundo agitado.

A cada dia que passa, Constanza nos lembra da beleza simples da vida e da importância de encontrar serenidade em meio ao caos. Ele é uma testemunha silenciosa das alegrias e tristezas que compartilhamos, um companheiro fiel que nos lembra da fragilidade da existência e da beleza efêmera do momento presente.

Enquanto Constanza nadar em nossas águas, o aquário continuará sendo um refúgio de paz e tranquilidade, um santuário onde podemos nos reconectar com a beleza da natureza e encontrar conforto na presença silenciosa de um amigo fiel. Ele está vivo, sereno, um símbolo de calma e serenidade em um mundo turbulento.

Biografia: Denise Camargo Lancia é advogada e Especialista em Língua Portuguesa (Gramática e Uso) e em Direito de Família e Sucessões. Escritora versátil, dedica-se à produção de poesias, romances, contos e crônicas, possuindo obras publicadas e participações em diversas coletâneas literárias.



Dados do autor:

Derotheu Gonçalves da Silva, brasileiro, advogado aposentado, escritor iniciante, residente e domiciliado na cidade de Maringá-Pr – Rua Carlos Chagas, 1038 – Zona Cinco – CEP 870.15.240 – Whatssap 44-99974.6298.

Um Amigo Chamado Folgado

Na metade da década de 1970, recém-egresso de um seminário católico e próximo dos dezoito anos de idade, cheguei a Maringá atraído pela UEM. A cidade era quase balzaquiana: meia dúzia de prédios, ruas em crescimento e um ar permanente de começo. Fui morar na Pensão da Dona Maria, na Rua Néo Martins, ao lado do antigo prédio da Companhia Telefônica.

Entre os estudantes havia um morador singular: um vira-lata chamado **Folgado**. Não tinha dono. Hospedava-se. Surgia pontualmente nas refeições, à espera das sobras. Nos dias frios, esticava a estadia: entrava no primeiro quarto com a porta aberta, enfiava-se sob o beliche mais próximo e ali ficava, imune a vassouras e impropérios, até o amanhecer.

Como todo estudante, fizemos amizades rápidas — e Folgado abusava disso. Quando queria comida, tinha cara de faminto; no frio, de coitado; por afeto, de abandono absoluto. Com o tempo, porém, percebemos que ele tinha talentos mais refinados. No almoço, era crítico gastronômico. Se uivava antes da refeição, o presságio era ruim: o fogão fora maltratado. Nessas ocasiões, recusava-se até a comer. Mas quando, por volta das nove da manhã, se estendia no beiral da porta da cozinha, sabíamos: Dona Maria, a dona da pensão, assumira o comando, e o prato seria memorável.

Aos sábados, futebol de salão, seguido de uma ou duas cervejas e tira-gostos fraternalmente divididos, no saudoso Bar Império. Nunca passávamos do segundo copo — código de honra e bolsos curtos. Folgado nos acompanhava, deitado na calçada, atento a qualquer petisco extraviado.

Um dia, seguiu um de nós até a universidade. Aprendeu o caminho e adotou o campus. Ao fim das aulas, lá estava ele, circulando pelos corredores, esperando seus companheiros de pensão.

Na cantina, deitava-se aos pés da mesa enquanto jogávamos cartas ou xadrez. Detestava o tabuleiro: sério demais, silencioso demais para um cão afeito à vida.

Por quase cinco anos foi assim. Um amigo improvável, que parecia saber o quanto precisávamos daquele afeto canino para suavizar a distância de casa, das famílias e, para alguns, até de seus próprios cachorros.

Folgado partiu pouco antes da nossa formatura. Suspeitamos de um atropelamento no trecho férreo entre a pensão e a universidade. Nunca soubemos ao certo. Ainda bem.

Talvez tenha apenas mudado de endereço — outro pensionato, outros estudantes.

Afinal, conosco, sua missão já estava cumprida.

De onde veio, nunca soubemos. Testemunhei meu pai a descrever o primeiro encontro com ele inúmeras vezes: “entrou voando pela janela e pousou na cama”.

Cabeça e garganta vermelhas, asas e cauda acinzentadas e peito branco, Chico era uma bela ave, um galo-de-campina (*Paroaria dominicana*). Quando eu nasci, já morava conosco, em sua gaiola, bem cuidada e suspensa na parede da cozinha. Cresci ouvindo-o ‘cumprimentar’ meu pai, com breves notas de seu canto, tantas quantas fossem as vezes que meu velho adentrava aquele cômodo. Só a ele Chico concedia tal deferência, a ninguém mais, independentemente de quem dele cuidasse.

Meus irmãos e minhas irmãs, em algum período, cuidaram dos pássaros de nosso pai. Eram quatro. Chico, contudo, foi o mais longevo, os outros, em sua maioria, não ficaram conosco muito tempo.

Vêm dessas lembranças alguns recortes em que Chico se fazia presente. Ele descia ao chão da gaiola e se agitava até que lhe déssemos atenção. Atenção traduzida em lagartas de milho. Na safra era tradição familiar produzirmos pamonha, munguzá, canjica, bolo, milho assado ou cozido. Que saudade desses cheiros e sabores!

Os pássaros de meu pai tinham uma alimentação variada, para muito além do alpiste. Nós, filhos e filhas, reproduzíamos os costumes paternos de compartilhar o que comíamos com eles: jiló, alface, pepino, laranja, maçã, banana... Qualquer nutricionista aplaudiria. Acho que os veterinários também.

Certa vez, notei os olhos de meu pai encherem-se de lágrimas. Não entregou os pontos. Imagine se iria chorar, logo ele um paraibano nascido em 1915, Estado do qual se diz em uma antiga canção “Paraíba masculina, mulher macho, sim senhor”. Se nem mesmo as mulheres o faziam, o que esperar de um homem contemporâneo de Lampião. Que chorar que nada! Motivo? Chico. Ou melhor um machucado que ele, meu pai, provocou no Chico, ao aparar as unhas de sua ave tão amada. Acidentalmente, cortou a ponta de um dos dedos da ave. Dor física no Chico, dor na alma de meu velho pai. Pareceu, todavia, que o susto havia sido maior do que as consequências, poucos dias se passaram e lá estava o Chico, do poleiro superior de sua gaiola, ‘cumprimentando’ meu pai, quando ele entrava na cozinha.

Outro pássaro quase tão longevo quanto o Chico, foi um azulão (*Cyanocopsa brissonii*). Belo espécime com plumagem azul-escura brilhante. Seu canto ocorria, como dizia minha

mãe, na hora da Ave-Maria. Assim como acontecia com o uirapuru, todos os outros passarinhos se calavam, talvez invejosos pela beleza daquele espetáculo. Era um canto simplesmente maravilhoso.

Além de belíssima expressão artística, Azulão, esse era seu apelido, nos oferecia um comportamento amigável e manso, mais do que quaisquer outros pássaros que conhecemos em nossa casa. Podíamos retirá-lo de sua gaiola deixando-o no dedo, era bem dócil, a ponto de receber carinho na cabeça.

Lembro-me com pouca nitidez de outros pássaros que conviveram com Chico e Azulão. Houve um curió (*Oryzoborus angolensis*), um canarinho (*Serinus canaria*), que além de belas plumagens, apraziam-nos com seus cantos. Mas minhas recordações não me deixam duvidar, o canto do Azulão, para mim, sempre foi insuperável.

Houve um episódio dramático com um passarinho, que pouco conviveu com minha família. Ele chegou em grande estilo, ferido, há pouco fugido das garras de um gavião. Um pássaro que jamais vi igual, dada a plumagem de inúmeras cores e tonalidades. Um de meus irmãos o encontrou a se debater ferido. Resgatou-o quando um gavião, certamente o causador dos ferimentos, já preparava nova e fatal investida. Foi levado à nossa casa, mas apesar de nos dedicarmos como o fazem os Médicos sem Fronteira, poucos dias depois, se foi.

O segundo episódio dramático envolvendo uma ave, de que me lembro, foi comigo mesmo, ainda em criança. Um grande amigo de meu pai, também criava pássaros. Só que em quantidade bem maior, devia ter mais de vinte. Diz o dito popular “filho de peixe, peixinho é”. Esse ditado se aplicava a mim e a meu melhor amigo na infância, filho desse amigo paterno. Estava o meu amigo a higienizar a grande quantidade de gaiolas do pai, quando eu, transbordante de prepotência, disse que ele não as limpava corretamente. Ato contínuo, peguei uma delas para lhe mostrar minha perícia. Dentro da gaiola, um tuí-tuí ou coleirinha (*Sporophila caerulea*), outro que canta como um Milton Nascimento. O dito cujo, esperto como Pedro Malasartes, driblou minha arrogância e fugiu da gaiola, assim que eu a abri a fim de retirar o recipiente com água onde ele se banhava.

Prevaleceu a amizade entre meu pai e seu amigo, a fuga do tiú-tiú foi relevada, com a justificativa de que aquela espécie era fácil de conseguir. Verdade ou não, aprendi uma lição e tanto.

Tantos anos se passaram desde essas memórias. Chico viveu na casa de meus pais até quando eu completei vinte e três anos. E olha que ele já estava lá quando eu nasci. Morreu bem velhinho. Em sua fase terminal, sem forças para saltar aos poleiros, Chico permanecia no chão da gaiola, num dos cantos a dormir quase todo o tempo, mas era nítido o esforço que fazia para

‘cumprimentar’ meu pai, no ritual da relação mágica daqueles dois. O Azulão partiu antes, não me recordo como aconteceu.

Diferentemente daqueles pássaros, eu pude sair. Resolvi ganhar o mundo tão logo Chico se foi. Queria independência, arriscar-me pelo mundo longe das asas protetoras de meus pais, desejo cultivado pela maioria dos jovens de minha geração. Hoje, parece, os jovens não pensam assim.

Deixei para trás o torrão natal. Tornei-me ajudante de caminhoneiro durante um período, apenas para sair sem rumo. Juntei alguns trocados e desembarquei na capital de todos os brasileiros. “Meu Deus, mas que cidade linda” canta a Legião Urbana em Faroeste Caboclo. Que céu era aquele! Lembrei-me de Linha do Equador: “Céu de Brasília traço do arquiteto, gosto tanto dela assim...”. Outra bela canção de Djavan e Caetano Veloso: O céu da cidade é tão magnífico, que me doeu lembrar daqueles passarinhos engaiolados, privados de voar.

Em minhas desventuras, fui também ajudante de pedreiro, garçom, motorista, auxiliar de contabilidade e, finalmente, funcionário público. Caminho nada trivial, que me exigiu garra e esforço, sozinho e longe da família.

Alguns anos à frente, eu desfrutava de situação bem mais favorável, todavia, ainda distante do que eu realmente almejava. Eu queria mais. Pouco importava o que seria preciso fazer. Para essa época, outro ditado resume minha vida: “diga-me com quem andas que te direi quem tu és”.

Estou convicto: não posso terceirizar a culpa pelas opções que somente a mim coube a responsabilidade de escolher. Arrisquei tudo em busca do “ter” em detrimento do “ser”. Foi extremamente lucrativo traficar. Dinheiro rápido, que me permitiu adquirir bens que jamais teria condições de possuir apenas com meu salariozinho de funcionário público.

Tantas lembranças agora! O instante é propício. São reflexões em meus últimos minutos de detenção. Quinze longos anos se passaram e, em breve, serei um ex-presidiário, com o estigma que me acompanhará daqui em diante. Menos tempo do que o Chico viveu em sua gaiola. As lembranças do pássaro amado de meu pai são muitas. As comparações de nossas vidas também. Ambos fomos enjaulados e por mais que achássemos Chico feliz, tenho certeza de que ele o seria mais se liberto. Jamais pude fazer o que Chico fazia, ao ver meu pai, pois ele nunca me visitou. Jamais superou a decepção de ter um filho seu criminoso. Lagartas. Essas eu e Chico tivemos no cativeiro. Quantas eu encontrei na marmita, misturadas àquilo que chamam refeição. Nessa comparação, ainda que Chico tenha recebido todo o carinho enquanto viveu conosco, ele deixou o cárcere sem vida, já eu, tenho a oportunidade de iniciar vida nova. Minha pena, a partir de agora será mais branda, não estarei recluso, mas sei que não será fácil.

Quem se dispõe a empregar um ex-detento? Outro ditado: “o plantio é opcional, a colheita, não”.



Link das imagens:

Galo-de-campina:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3573917279370532&id=506652966096994&set=a.508803182548639>

Azulão:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=950985363724091&set=a.552601790229119&id=100064379091618>

Doce como fruta

Pitanga não é só o nome de uma fruta. É também a memória de uma cachorrinha que trouxe muita felicidade.

Companheira da roça, da pescaria, do descanso na varanda.

Vigiava a casa como um bom cão de guarda é nas casas de interior.

Era livre, andava pelo pasto, corria entre as vacas e no calor daquele lugar, se refrescava na água gelada do rio. Depois rolava na grama para se secar.

Carinhosa, sempre atenta aos comandos, uma cachorrinha que realmente era amada por todos.

Toda pretinha, assim como a fruta que deu origem a seu nome. E isso mesmo, não escrevi errado, a pitanga mais conhecida é aquela vermelha, quando está madura, mas tem uma variedade escura, que não é tão conhecida.

Mas assim como frutinha preta, a Pitanga canina era muito especial e rara.

Sobre a autora:

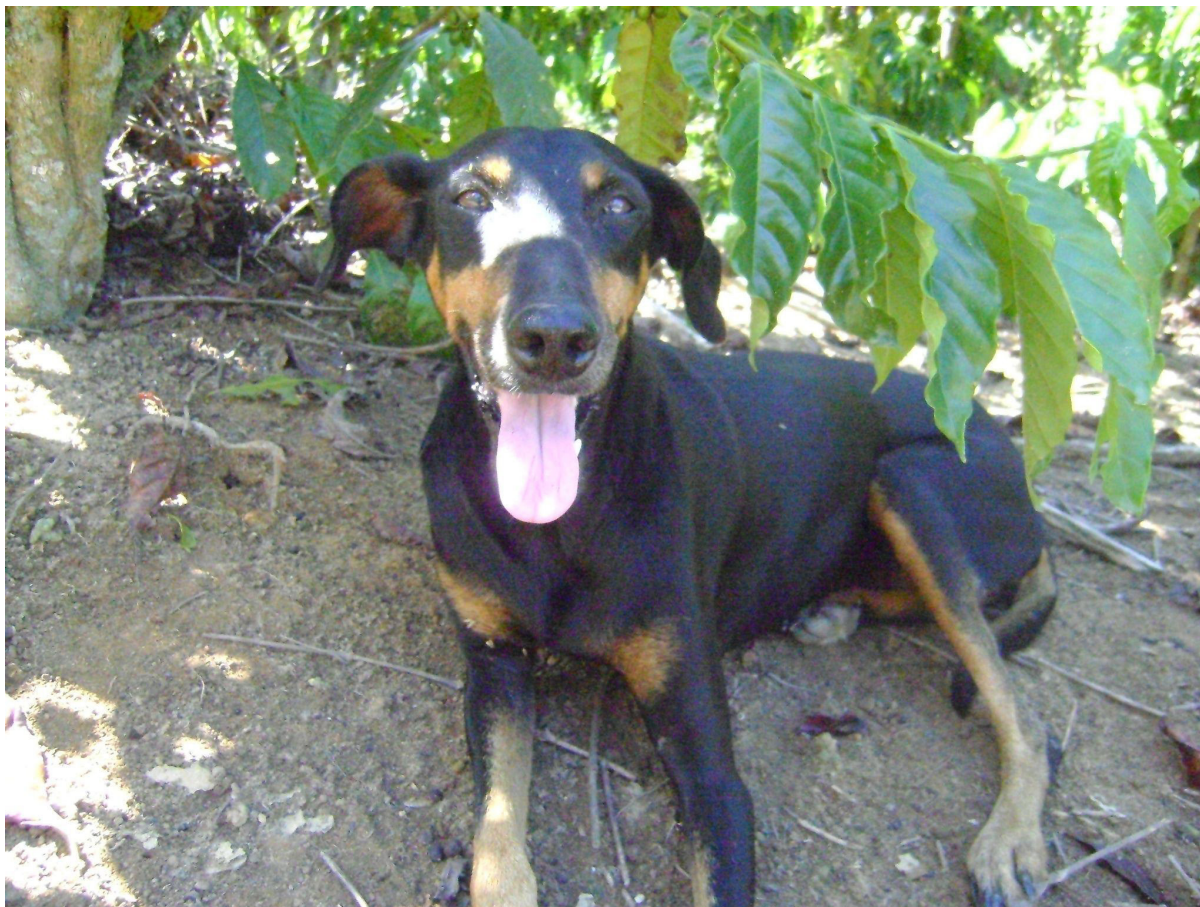
Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Sobre a crônica:

Pitanga era a cachorrinha da família do meu esposo.

Instagram: @entrepalavraserasimas.iteuane



O Corruptão

Luizinho Trocate

Corruptão é um pássaro amarelinho, de uma beleza que surpreende – um amarelo e preto marcante – quem o vê, pois que parece uma flor que voa; voa, canta e seu canto é conhecido em algumas regiões como “A Voz do Sertão”. Pena que esse cantar leva muitas vezes o bichinho à prisão!

Absurdo dos absurdos, há – e muitas - “pessoas” que, sem entender a beleza da natureza, sem compreender a magia da liberdade têm coragem de prender passarinhos - e outros animaizinhos - e transformá-los nisso que modernamente são chamados Pets.

Bom, essa história aconteceu em Minas Gerais, na Zona da Mata. Um sujeito chamado Reale (que é um personagem real, como sugere o nome, mas meio desalmado, pelo que sugere a história) desalmadamente comprou de um atravessador também sem alma, daqueles gaioleiros que caçam / retiram filhotes dos ninhos, um belo corruptão; pagou por ele trinta dinheiros (claro que há uma leve conotação bíblica proposital nessa “quantia”), comprou uma gaiola ligeiramente rosa pra combinar (ornar cores nada a ver é um traço que geralmente indica pessoas de pouca imaginação), prendeu o passarinho e pendurou a gaiola num prego na parede da cozinha (pra cantar enquanto eu como, dizia). O Corruptão cantava, não é possível dizer se cantava de tristeza, de dor, de saudade, de solidão, mas cantava!

Um dia – já passados alguns anos – repentinamente a cantoria cessou! Como se um raio de percepção tivesse passado pela pequenina e linda cabecinha do passarinho, talvez um sopro do criador, “ele descobriu que a única maneira de voltar à liberdade seria o silêncio, o absoluto silêncio, e nunca mais cantou”. O antes simplório, mas sossegado Reale transformou-se no ainda simplório, mas agora enraivecido Reale e, num brusco gesto de raiva – quando felizmente se conteve e não destroncou o pescocinho do pobrezinho, como era sua vontade – libertou o corruptão, afinal, a beleza não lhe interessava, nada lhe dizia, queria tão somente o canto pra, entre outras baboseiras, enciumar os visitantes, e disse assim “vai embora seu ingrato, vai passar fome nessas matas por aí que sem cantar, às minhas custas, na minha casa, não come”.

O Corruptão voou, e voou, as asinhas doíam pela longa inatividade, mas sabia que era necessário colocar a maior distância possível entre ele e seu carcereiro. Em uma palmeira alta pousou, pousou e pela primeira vez em muito tempo – agora de felicidade – cantou; cantou muito alto celebrando a liberdade e novamente voou, agora suas asinhas já não doíam como se fosse levado por um sopro, um sopro leve de Deus; do Deus da natureza, do Deus dos passarinhos.



Sobre o autor: natural de Andradas MG; Psicanalista, Teólogo Escritor, Empresário. Diversos trabalhos publicados em jornais, revistas, livros, sites, teatro. 05 filhos, um menino e 04 meninas.

Livros publicados: “Sobre a Terra”, “Paris, Minas”, “Segurança do Trabalho - um jeito novo de viver”, “Os bichos”, “Sobre todas as cores”, “Contrastes”, “São Paulo Minha Cidade. com”, “Eldorado”. Contatos: slramos224@gmail.com

Sempre ao seu lado

Admiro-me muito por conseguir contar a nossa história, ver em nossas memórias o quão feliz você me fez . durante muitos anos, fui uma pessoa bem triste, não sabia o que fazer da vida, mesmo casado com a minha melhor amiga, e com a nossa primeira filha a caminho, mas eu sentia que faltava algo. Foi aí que você apareceu e mudou tudo, mudou meu mundo.

Peguei você filhotinho, encontrei você sozinho na estação de trem, passando fome e frio, não sabia se estava perdido ou tinha sido abandonado, mas da mesma forma que você me escolheu, também te escolhi. Cheguei no mesmo dia, que era aniversário da minha esposa, e fiz a surpresa pra ela. No início ela ficou bem receosa, pela nossa filha pequena, mas com o tempo aceitou e aprendeu amá-lo também.

Entre idas e vindas, você me seguia e de tudo brincava comigo, com o tempo passando, você crescia e se fortalecia, e eu , antes de ir trabalhar, passeava muito com você . Era tudo muito importante para a sua saúde .

Mas um dia, você precisou partir, se cansou de tanto me seguir, mudamos de casa, pra uma casa menor e mais próxima do meu serviço, já que sou professor universitário de literatura e dramaturgo e minha esposa contadora e arquiteta. Você me seguiu por 10anos e minha esposa que contou no jornal local e depois você ficou internacionalmente conhecido, como o meu cão amigo, meu melhor amigo.

Nossa história era linda, você me ajuda e me acompanhava em tudo, conversávamos muito... até na universidade você ia, quando no trem conseguia embarcar , mas quando algo saía errado, você me esperava na praça da estação, e os comerciantes lá, que já o conheciam, alimentavam e davam água. Você não era o problema de ninguém, não atrapalhava em nada, era sempre fiel e atencioso, muito esperto.

Você também casou e teve filhos, foi morar onde te encontrei, porque as pessoas diziam que lá era o seu abrigo, o seu lugar escolhido, e mesmo assim, você não desistiu de mim, da nossa união, da nossa amizade, da nossa verdade.

Os anos que se seguiram à sua partida física foram silenciosos na praça da estação. O banco onde ele me esperava parecia mais frio, e o apito do trem soava como um lamento. Eu continuei escrevendo, mas minhas peças tinham um tom de busca, como se eu ainda procurasse por aquele olhar atento na primeira fila do teatro da vida.

Certo dia, enquanto eu lecionava sobre o conceito de “eterno retorno” na literatura, uma movimentação diferente ocorreu no pátio da universidade. Um dos meus alunos, sabendo da fama do meu “cão amigo”, entrou na sala com um recorte de jornal e um brilho nos olhos.

— Professor, o senhor precisa ver isso. A linhagem da estação ainda vive.

Fui levado até a antiga estação de trem, o lugar onde tudo começou. Lá, entre os trilhos e as velhas construções, uma ninhada de filhotes brincava sob a guarda de uma senhora que vendia flores. Ela me reconheceu imediatamente. Sem dizer uma palavra, ela apontou para um filhote que, ao contrário dos irmãos que corriam, estava sentado, imóvel, observando o portão de desembarque.

Ele tinha a mesma mancha no peito, o mesmo modo de inclinar a cabeça. Quando me aproximei, não houve estranhamento. O filhote caminhou até mim com a confiança de quem reconhece um velho caminho. Ele não pulou ou latiu; apenas encostou a cabeça no meu joelho, exatamente como você fazia quando o dia era difícil.

Naquele momento, o ciclo se completou. Entendi que a morte é apenas uma vírgula na gramática do afeto. Levei-o para casa, para a nossa casa menor, que de repente pareceu imensa novamente. Minha filha, agora moça, e minha esposa o receberam com lágrimas de um reencontro esperado.

Hoje, sento na varanda para escrever meu próximo drama. O novo companheiro dorme aos meus pés, mas o peso que sinto é o seu. O final é feliz porque descobri que você nunca desistiu de mim; você apenas voltou em um corpo menor para garantir que eu nunca mais caminhasse sozinho.

Nossa história não terminou na estação; ela apenas mudou de capítulo e eternizou a nossa amizade de alma, além do tempo e do espaço.

Eu não estava mais aqui em vida, mas consegui ver de longe a sua partida, e com tantas mudanças, você foi firme e forte até onde aguentou e com certeza em sonhos, nosso reencontro sempre imaginou e também se emocionou.

Renan Oliver

UM GATO VIRA-LATAS

TAUÃ LIMA VERDAN RANGEL

O dia começou extremamente quente. Penso que não teremos a estação da primavera com suas temperaturas amenas, mas sim um verão prolongado com o seu calor abrasador. Poucas nuvens no céu e uma sensação abafada manifesta desde as primeiras horas da manhã. Sento em um dos bancos da varanda e tento aproveitar a escassa oportunidade de ficar sozinho, em um diálogo franco com meus pensamentos. Acredito que é um bom hábito a cultivar: ter a coragem de encarar o turbilhão de pensamentos negligenciados e colocá-los em seus devidos lugares.

É irônico como os pensamentos são capazes de se avolumar em minha mente! Há momentos que eu chego a me questionar sobre a normalidade disso. As pessoas não são capazes de compreender como a mente complexa e é capaz de pregar peças em uma pessoa com ansiedade. Sempre conjecturamos possibilidades infinitas de resultados! Ainda que estejam limitados aos nossos pensamentos, eles tomam uma proporção realística e sólida! Há uma iminência dos acontecimentos e, talvez, em uma tentativa de manter tudo sob controle, planejamos futuros alternativos e possibilidades que se coloquem previsíveis e, minimamente, controláveis.

Com o passar do tempo, aprendi a conviver com a ansiedade! Conheço quando essa companheira constante se aproxima de mim e tenta tomar as rédeas da situação! Isso não significa que eu consiga controlá-la a todo momento, pois ela é teimosa e insistente e costuma me causar alguns pavoros sobre questões e aspectos que quicá eu tenho algum controle. Estar em um estado contínuo de alerta molda o olhar a perceber padrões que se repetem e, com isso, temores que são avivados, fantasmas que saem dos baús da memória e medos que ganham contornos.

Poucos minutos se passam e ouço o ronronar tão conhecido que atrai a minha atenção. Meu gato de estimação, com os seus passos discretos, aproxima-se cautelosamente e de um jeito tipicamente desconfiado. Os gatos são engraçados, pois escolhem os seus donos, a partir da conveniência de suas necessidades! Isso sempre me fez gostar muito deles! O gato roça em minha perna de um lado e do outro e, depois de alguns segundos, deita-se próximo a mim. O seu olhar amarelado parece indiferente aos problemas do mundo e, ao mesmo tempo, atento aos detalhes que acontecem ao seu redor. Ele parece descansar, mas está sempre alerta! Acomoda-se em sua posição predileta e é embalado por um cochilo.

Abandono os meus planos iniciais de refletir sobre os meus pensamentos e me pego fitando o animal com toda atenção possível. Sr. Bigodes não possui nada de diferente, em uma primeira visão. Na verdade, como gosto de dizer, com seu tamanho mediano, é o melhor exemplo de um gato tipicamente vira-latas, com o pelo curto e os olhos amarelados. O tempo parece não existir para o meu amigo felino que, com uma paciência inabalável e, ao mesmo tempo, uma facilidade em aproveitar as oportunidades, permanece em profundo silêncio e, entre um cochilo e outro, acorda se espreguiça e retorna à posição inicial. Bem, é apenas um gato vira-latas que torna os dias mais suportáveis com sua presença despretensiosa.



Poemas

Lembranças de uma gatinha

Quando somos crianças,
Fazemos melhores amigos.
Nós os guardamos na lembrança,
Os que tive, carrego comigo.

A minha era uma gata,
Princesa, era toda pretinha.
Amava brincar na mata,
E tinha manchas na patinha.

Lembro das aulas de salto,
Lembro das de “etiqueta”,
Lembro dos dias quentes,
Lembro da luz refletindo nos pelos.

Em frente a porta miava,
Olhar fixo na maçaneta.
Queria sair e esperava,
Até abrirem a porta.

Após uma de suas travessuras,
Conversamos seriamente.
Prestou atenção nas palavras,

E da cadeira, escutou pacientemente.

Sua partida foi muito sentida.

Enquanto esteve comigo,

Sua companhia foi linda.

E sempre te levarei comigo.

Amanda Laurentino

Sobre a autora:

Amanda é natural de São Paulo e reside na Zona Leste da cidade. Bacharel em Jornalismo, Técnica em Biblioteconomia e em Museologia, tem uma pesquisa reconhecida sobre Racismo e Classe Social no Jornalismo Policial. Possui habilidades em análise de discurso, análise de conteúdo e conservação e preservação de patrimônio cultural. Desde muito cedo nutre um forte interesse pela pintura e desenho (hashura e aquarela com café) e a escrita, em especial a poesia.

amands.cl@hotmail.com e instagram: @amandaclaurentino





MENINA LEVADA: BELEZA RELUZENTE

Ariane de Medeiros Pereira

O dia estava ensolarado que tinha na alma e no coração.

Não bastava averiguar que por ali tantos passavam, mas havia uma beleza singular: a menina peralta.

Pelas ruas cortava os caminhos com seus pezinhos acelerados não temia aos carros ou aos transeuntes o que importava era sua liberdade.

Não pensou duas vezes e de sua casa saiu em disparada; por cada palmo que passava espalhava sua beleza e aconchegava sua coragem.

Aqueles corações se encontraram em uma travessia da avenida, sorriram, acolheram, abraçaram e seguiram seus destinos em graciosidade!

chega a noitinha...

disponibiliza
um céu colorido
ainda sem estrelas
o frio anunciado
dentro da gente
faz-se aconchego
reabro as portas
vida irreverente
esperança se equilibra
nas cordas do coração
paisagem quente
coração pungente
vira e revira o olhar
ainda não há luar

II

show de imagem continua
abrem-se janelas do céu
de norte a sul
delirantes estrelas
plantam-se
no escurecer do azul
confundem-se
com o colorido, em torpor
sombreia-se de cinza
céu, agora, só uma cor
o máximo, para quem olha
enxergando sonhos
reinventando-se
na ciranda deslumbrante
da utopia... só magia

Beth Iacomini

Cerrado

Pedaço de sorte

Verde, pequeno porte

Raízes profundas

Secas, corcundas

Assim é o cerrado

Sereno, cortado

Tão desmatado pelo homem, coitado e errado

E o Centro do Brasil se faz prejudicado

Cabe, então, a cada um de nós

Encarar a realidade

E pensar o quanto antes na sustentabilidade

Para o bem geral da sociedade

Que respeitemos o bioma e o idioma

Que mudemos os ideais

E invistamos na Pedra Goiás

Pela flora, pela fauna, pela economia

Pela arte, pelos sonhos, pela poesia

Por tudo que é concreto e abstrato

Por nós mesmos

E pelo cerrado.

Brunno Vianna

Natureza

Faz o poema um lógico eco

Quando chega perto

De quem o lê

Em língua portuguesa

Camões enalteceu a beleza

Da natureza

A beleza que há no andor das aves

Que cantam entre as árvores

Em cada amanhecer.

Brunno Vianna

Terra calejada

Claudio Trindade

Pela mão
Da mãe natureza.
Que controla com
Força
Instintiva
Ativa.

O ser humano
Devasta,
Interrompe a vida.
Pobres vegetais,
Indefesos animais.

Mãe terra
Fora de controle,
Chuvas elevadas aqui,
Secas ali.

Verões sem época.
Invernos!
No amanhã,
Teremos?

Calores excessivos,
Desgelo sucessivos.

O planeta a perigo.
Os seres sem abrigo.

Os vendavais,
Árvores retorcidas,
Ciclones tropicais
Chuvas torrenciais.
Após o turbilhão,
Casa ao chão.

Reconstrução...,
Dores no peito
Lágrimas ao chão.

Trago-te

Azaleias e margaridas
Pra iluminar tua semana
Orquídeas e violetas
Que te darão
A sensação
De calma.

Trago-te flores
Rosas brancas e amarelas
Pra ver teu sorriso
Em cada pétala
Crisântemos coloridos
Pra te lembrar
Que estou sempre
Contigo.

Trago-te flores
Rosas vermelhas
Em buquê de dalias
Magnólias e açucenas
Todas pra desejar
Que tua semana
Seja perfumada,
Doce e serena.

Daniel Bezerra

Meu cachorro Costelinha

Vi o olhar cansado junto ao portão,
magrinho, com o rabo a esconder,
eu lhe ofereci comida, e fiz oração,
porém ele só queria se entender.

Abri meu portão, deixei ele entrar,
falei bem baixinho, sentei no chão,
aos poucos vi o seu medo recuar
e o rabo balançar com a emoção.

Virou uma rotina o seu correr feliz,
deitar comigo e olhar com ternura,
em cada gesto, o amor que se diz,
em cada toque, a cura da amargura.

Mas um dia a dor veio sem avisar,
mesmo cuidado, a vida se despediu,
Costelinha partiu sem se explicar,
mas no meu peito ele nunca sumiu.

Daniel Bezerra

EM LUTO

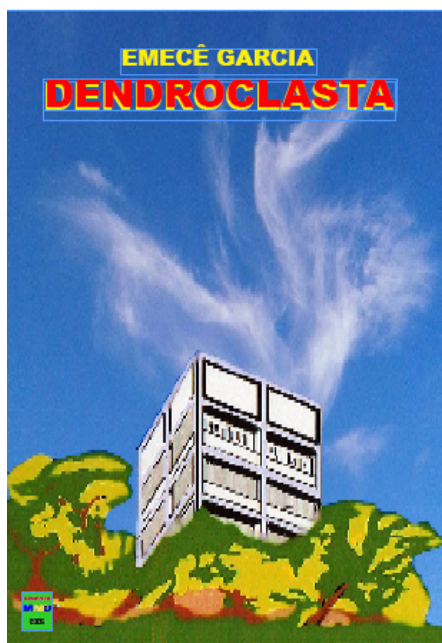


Bombas assassinas explodem no Irã
Matando meninas, gatos e cães
Diante do aplauso de uns
E do silêncio de muitos

Elidiomar Ribeiro da Silva
@elidiomar.ribeiro

Sobre o autor: Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador na UNIRIO, é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.





MAURICIO CARDOSO GARCIA, pseudônimo EMECÊ GARCIA, nasceu em 19 de junho de 1961, em Natal, RN, onde vive até hoje. Morou em São Paulo, SP, de 1980 a 1989. Filho de Otávio Garcia e Iraci Cardoso Garcia é Professor, Poeta, Pai, tem dois filhos (Otávio A. F. Garcia e Maurício F. Garcia) e já plantou várias árvores, onde já colheu muitos frutos; é Filósofo, Contista, Cronista, Tritrovinista; Licenciado em Letras; Licenciado e Bacharel em Filosofia pela UFRN; e pós-graduado em Literatura Brasileira pela UFRN; tem 30 (trinta) livros publicados; é criador do Estilo Poético Literário, denominando TRITROVIN, onde já publicou uma Antologia: POÉTICA EM TRITROVIN - 2021, com vários seguidores de esse estilo; é, também, Editor Alternativo, e edita os seus próprios livros e de outros mais de 100 Novos Talentos; possui mais de 100 (cem) títulos de Literatura de Cordel, visite os Blogues e Site abaixo:

<http://essenciasemparadoxo.blogspot.com/> <http://bisacodepensador.blogspot.com/>

www.recantodasletras.com.br/emecegarcia;

e-mail: mauriciogarciapoe@gmail.com

SELVA METÁLICA

Raízes de aço, de ferro, de pedra
Montanhas e rochedos metálicos
Mil galhos latentes sem folhas
Árvores ocas, cavernas residenciais
Crescem regadas pelo capital
É fértil o objeto e a matéria

Suas flores e seus frutos.
Homens, mulheres Humanos-maquinários
Conscientes e inocentes DENDROCLASTA.
Rios sólidos e cinzentos se cruzam
Às margens, coqueiros e palmeiras em “T”
Interligadas por teias magnéticas
Com enormes aranhas geradoras
Produzindo dos cachos sua luz
Alimentos das noites metaleiras.
Tubarões não nadam, deslizam
Espécies motorizadas uivam
Alimentadas de um líquido precioso
Originado do petróleo e da cana;
Serpentes elétricas rastejam
Guiadas por duas retas paralelas
Desaparecem em cavernas de saídas opostas,
Alimentam-se de formigas em labuta
Sem nunca saciarem suas fomes:
Comem num ponto, vomitam noutra.
Búfalos energizados com chifres nas costas
Se alimentam como as serpentes.
Formigas atômicas, mosquitos férreos
Trabalham em vulcões para sobreviverem;
Lençóis ébanos suspensos nas selvas
Árvores, rochedos, montanhas ofuscas
Produto dos vulcões implantados.
Baleias metálicas sobrevoam velozes
Camufladas nas selvas e nos negros lençóis
Barulhentas aterrissam nos sólidos rios.
São feras mecânicas que definem frenesi
Talvez, apenas a um DENDRÓLATRA
Como um oásis silvestre em plena “SELVA METÁLICA”.

Do Livro: DENDROCLASTA de Emecê Garcia, 1ª edição, Scortecci, São Paulo/SP, 1988; 3ª Edição, Editora MMO Graf. Natal/RN, 2018.

BICHOS



Amei esse dia
Pela manhã, beija-flor e sebinho
tomando néctar que eu coloco
Muitas rolinhas ciscando a ração
No final limpei a sujeira

Ao iniciar a tarde
Fui comprar alguns remédios
Voltando me encantei com essa
linda lagarta da mariposa-falcão
Queria vê-la sair do casulo
Como uma belíssima mariposa voando

Ilmar Ribeiro da Silva

ilmarribeiro@yahoo.com.br

Sobre a autora: Ilmar Ribeiro da Silva é carioca, professora aposentada do antigo ensino primário. Lecionou na Escola Municipal Irineu Marinho, onde colaborou, por décadas, para a alfabetização de centenas de crianças.



Desígnio

Todos os dias
especialmente
nos de tédio
há frutos na relva...
Há grandes favos de angústia
recostados na árvore.

Pendente.

Pesada

Jean Sartief

@sartief

JOÃO VITTOR GOMES FIRMO

Haikais autorais em tributo ao Orelha

ORELHA

Cãozinho Orelha —
sua voz é símbolo
do amor que une.

MARCHA FÚNEBRE

Marcha fúnebre —
no calor da avenida,
protestantes choram.

JUSTIÇA

Cânticos de luta
avançam pelo túnel:
“Justiça! Orelha!”

BIOGRAFIA

João Vittor Gomes Firmo é Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Técnico em Informática pelo Colégio Pedro II (CPII), mediador de leitura, poeta, contista, cronista e haijin. Na atualidade, realiza Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. A trajetória como artista da palavra teve início em 2014, aos treze anos de idade, e as suas escrituras integram revistas literárias (*Artes do Multiverso*, *Barbante*, *Lagamar* e *Viagem Literária*), plataformas de divulgação artística (como o *Blog Relicário*, do CPII - Campus Duque de Caxias, e o perfil da *Torre de Babel*, projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ, no *Medium*). Além disso, teve poemas selecionados para compor antologias de âmbito nacional (*Grupo Editorial Hope* e *Grupo Nacional de Estudantes de Filosofia - GNEFIL*) e internacional (*Instituto Cultural de Évora - ICÉ*). Enquanto haijin, desde 2024, atua como membro do Núcleo de Haikai do Instituto Cultural Brasil-Japão (NHICBJ) e foi um dos aprovados no 2º Concurso Literário @haikai.brasil e na chamada da Editora Persona para a coletânea “Haicais e Tankas 2025”. No que diz respeito às comunicações poéticas, as apresentações de textos autorais foram acolhidas por instituições como o Colégio Pedro II (CPII), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Museu Nacional/UFRJ, o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ), o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Contato: vittorfirmo@letras.ufrj.br.



Fonte: Aline Gomes e Luana Gomes, 2025.

Borboletas azuis

Karla Oliveira @catoli54

A beleza infinita

A plenitude

A serenidade

O voo que baila no ar

Borboletas observadas

No raiar do dia

No cair da tarde

Beleza ecoar

Faz dançar

Minha alma

Meu corpo paralisado

A admirar

Tamanha beleza

Sensação de pureza

Tamanha delicadeza

E ainda não vi seu olhar

Ohana

Karla Oliveira @catoli54

Em havaiano

Significa família de forma abrangente

Inclui amigos

Amor, apoio e mais gente

Família que se encontra

Esbarrando por aí

Que cria laços

Que não dá para esvair

Laços de verdade

Maiores que os de sangue

Laços d'amorzade

Estilo bumerangue

Tem gente que se diz amiga

Mas egoísta que só

Nem olha para o lado

Não dá liga

Empatia zero

Sem carinho e afeto

Apenas dejeto

E ego

O bonito é sentir

a volta da afeição doada

Do coração sorrindo

Em revoadas

Ohana, Ohana

Estamos aí

Soneto da Mantiqueira

Karla Oliveira @catoli54

Ah, linda serra de verdes Campos

Araucárias centenárias

Fauna e flora necessárias

Nesse belo lindo céu escampo

Na revoada de pirilampos

Sobre essas suas águas frias

Borboletas azuis belas poesias

Voando nesses serenos Campos

Rios e fontes, pura imensidão

Águas abundantes solitárias

Num belo bailar de paz e gratidão

Maritacas e jaguatiricas páreas

Nessa bela imensidão

Magnitudes primárias

Uma minibiografia

Karla Oliveira @catoli54 é escritora por existência. Admira o belo, o simples, o fugaz, o eterno. E se entrega à escrita, à leitura, fazendo dessa entrega algo único e com dedicação. Quando está criando, prefere o silêncio, mas por vezes o caos urbano a inspira.

Graduada em Pedagogia, com formação em Psicanálise e pós graduada em Filosofia, Sociologia, Psicoterapia, Neuropsicopedagogia, dentre outras especializações, enxerga as pessoas de uma forma atenta, com cuidado aos detalhes. E esse cuidado, essa delicadeza em suas observações, se traduzem na sua escrita: em poesias, contos, pensamentos e textos variados.

Seus escritos dialogam com o cotidiano, com as aspirações de vida, as ansiedades humanas, as perplexidades do mundo. Com um toque antropológico sobre a escrita e um olhar filosófico, a análise se funde com o desejo de brotar as palavras, no bailar rotativo da vida.

Atualmente está escrevendo outro livro de poesias, um de psicanálise e também sobre a formação da nossa sociedade.

Poema para adiar o fim do mundo

Deixem que digam que o mundo vai acabar,
Quem são “estes” contra nós?
Nós que viemos de rios
que percorreram canais
para fecundar florestas
que seriam berços de novas vidas.
Vidas estas que se multiplicam em seres de tantas cores,
tantas formas, tantos dons.

Mas e o “ser humano”?
Em que sonho estava quando seus sentidos despertaram?
Será que entende que sua visão só alcança as paisagens
emolduradas nas paredes de pedra de suas cidades?
Sua audição sequer percebe
o canto triste de um pequeno pássaro engaiolado.
Seu paladar tem como predileto
o gosto artificial do alimento processado.
Seu olfato foi descaracterizado
pela distância das florestas, campos e vales.
Seu tato esqueceu a maciez das pétalas,
a relva orvalhada e das borboletas no ar.

A humanidade é habitante
de casa suspensa no espaço,
perfeita em equilíbrio,
que se chama Terra.
Nela, há tempos
um show de cores, luzes e sons se desenrola.

Por temporadas ainda incontáveis, precisa continuar.

Mas cabe a quem o comanda,
dotado de inteligência que o é,
valorar seus elementos,
cuidar de quem participa
crescer em sensibilidade
e esperar para adiar o fim.

Kátia Paiva

TERRA

Imagine se a terra,
Cobrisse vida, só a terra,
Sem ceifa, florida, sem aterra,
Donde nasce o fruto, sim, só terra,
Sem desastre ou enchente que soterra,
Como eu queria a vida, o cheiro, somente terra...
Leva sujeira, leva podridão, leva sonhos... a terra...

Marcus Hemerly

QUEBRA-MAR

Quebra-mar,
Quebra cabeça,
Quebra sonho,
Daquele que passar...
Ousar...
Sonhar...

Marcus Hemerly

ALENTO MARÍTIMO

Uma mirada sobre o mar,
Somente um singelo momento,
Desperta singular sentimento,
A consciente vontade de sonhar.

Água quente, água gelada,
Me faz esquecer a dor famigerada,
Água gelada, água quente,
Apaga essa saudade tão latente.

Lança tua espuma à beira da costa,
Apaga os escritos impressos na areia,
Cuja lembrança, minha dor calada floreia,
Lava de minha alma, essa já perdida aposta.

A mesma pura água salgada,
Na qual banhei-me com minha amada,
A que dos olhos brota e maltrata,
Cura as feridas, em meio a tamanha falta.

Marcus Hemerly

TEU LATIDO

Tua declaração de amor
num rosnar de súplica
pitadas de ansiedade
enurese emotiva
lambidas ternas na ponta dos dedos
Teu latido foi abafado pelo tempo
pela vida
valeu a pena a lembrança do teu latido.
Ainda ecoa.

Marcus Hemerly

MINIBIOGRAFIA

Marcus Hemerly, é natural de Cachoeiro de Itapemirim/ES, formado em Direito, é servidor público do Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo. Dr.h.c em literatura. Autor das obras solo “Verso e Prosa: Excertos de Acertos”, “Versos e Anversos” e coautor em antologias poéticas e de contos. É colunista de cinema, contribuindo para sites e jornais eletrônicos. Pesquisador independente de cinema, precipuamente sobre os temas “Cinema Marginal Brasileiro” e “Horror Italiano”.



Sou filha desse Sertão

Sou filha desse sertão
Criei raiz no chão quente
Carrego a fé no meu peito
A Jesus eu sou temente
Eu não temo a estiagem
Com bravura sigo em frente
Carrego a força da seca
Carrego o som do trovão
A coragem dessa gente
A poeira do verão
Carrego o som da viola
Que consola o coração
Sou filha desse sertão
Minhas mãos são calejadas
Aprendi desde pequena
A ser forte nas jornadas
Trabalho de sol a sol
Ouvindo o som das enxadas
O mandacaru me ensina
A ser forte e resistente
A florescer no verão
Com coragem persistente
E seguir bem confiante
Com alma firme e valente
Sou filha desse sertão
Trabalho na agricultura
Cresci comendo cuscuz
Com leite e com rapadura
E nesse torrão querido
Eu batalho com bravura
Eu nasci nesse sertão
Nessa terra tão amada
O meu chão é minha história

Minha voz é bem-marcada
Sou fruto desse torrão
Sou sertaneja arretada.
Sou filha dessa cultura,
Cresci entre a cantoria
Meu avô contando causos
Com muita sabedoria
Minha vó rezando o terço
E eu fazendo poesia
Agora o mundo me espera
Com minha voz decidida
Levo o cheiro desse mato
E as lições da minha vida
Sigo firme pela estrada
Com a alma fortalecida
Agora sou resistência
Sou o grito do sertão
Sou herança do meu povo
Sou cultura, tradição
Sou luta, sou alegria
Eu sou pura gratidão.
Agora, mesmo distante
E bem longe do meu chão
Guardo no peito as lembranças
Que apertam meu coração
Eu fecho os olhos e escuto
Os cantos do meu sertão.

Quitéria Abreu

DIAS ENSOLARADOS

Memórias agitam manhãs
Sorriem dias ensolarados,
Brincam doces borboletas.

Corpos vibram sóis, mil esperanças,
Outros gingados calorosos do verão,
Bailando serelepes de cores violetas.
No infinito compasso das andorinhas,
Areias movem obstáculos das roletas.

Rita Queiroz

O IPÊ ROXO
(8º lugar na XVI FESERP)

É verão no agreste da Paraíba.
Diferentemente do Sertão, o verde persiste!
Mas o Ipê roxo está pelado,
perdeu sua roupagem verde.
Seus galhos hirtos e nus
parecem pedir socorro aos Céus.
Os anus pretos que pousam sobre os mesmos
parecem dizer que eles estão mortos.
Ledo engano.
Às primeiras chuvas, que beleza!
O roxo cobre seus galhos nus
antes mesmo do verde das folhas.
É uma beleza “que olhos maus não podem ver”.

Meu Ipê roxo...
Que saudade de ti!
O contraste do roxo num céu nublado
é algo encantador!
Enfeitaste minha infância
e minha adolescência.
Puseste a poesia em meu coração.
Foste meu companheiro
nas primeiras decepções amorosas,
recebendo minhas queixas e prantos infantis
sem nada dizeres,
oferecendo-me teu tronco como apoio
para que eu chorasse minhas dores
que me pareciam sem remédio.

Como eras belo, meu Ipê!
Exibia-te, florido e altaneiro,
aparecendo acima das outras árvores,
encantando os olhos dos tropeiros
e de toda a nossa vizinhança.
Meu pai te chamava por outro nome:
“Pau d’arco”, se não me engano!
Mas, para mim, eras mesmo
o meu Ipê Roxo.
A mais bela árvore!
A árvore que enfeitou a minha infância pobre.

Rosa Regis
Natal/RN
Novembro de 2010

GUGU E A FORMIGA

Era uma cadelinha
esperta e carinhosa,
era tão pequeninha,
sempre tão dengosa!

Tinha uns olhinhos
tão lindos e espertos,
andava nuns passinhos
saltitantes e curtos!

O nome dado pelo tamanho,
tão pequena e baixinha,
alegre andava pelo caminho
tão bonita e faceirinha!

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Camaçari/Bahia/Brasil

Minibiografia

Brasileira, gaúcha e gabrielense, radicada na Bahia. Professora, pedagoga, psicopedagoga, feminista, genealogista, escritora e poetisa. Publicações em Antologias, coletâneas, blogs, revistas, mídias digitais nacionais e internacionais. Primeiro livro: Sentimentos em poesias.

Instagram: @roselenafnf



Leal Companheira de Quatro Patas

Sky, minha peluda e leal companheira,
Sempre ao meu lado, na alegria e na brincadeira.
Com olhos brilhantes, cheios de ternura,
És fonte constante de amor e doçura.

Quando o dia é cinza, tu trazes o sol,
Com pulos e corridas, o mundo ganha farol.
Brincalhona e feliz, espalha risos no ar,
No simples gesto teu, aprendo a amar.

Peluda e carinhosa, aconchego no abraço,
Em teus passos leves, encontro meu espaço.
Sky, minha amiga, mais que um pet, um elo,
Leal companheira, meu anjo singelo.

Nos momentos difíceis, tua presença acalma,
Tua amizade é bálsamo que aquece a alma.
Com você, cada instante é festa e alegria,
Sky, minha fiel amiga, minha eterna companhia.

Minha amiga peluda, leal companheira,
Sky, estrela que ilumina a minha vida inteira.
Carinhosa e doce, um abraço em forma de cão,
Brincalhona sempre, traz alegria ao coração.

No balanço do rabo, a felicidade se revela,
Em cada olhar, a amizade mais singela.
Sky, minha amiga, meu amor sem fronteira,
Para sempre minha leal companheira.

Tatiane da Silva Pereira Veiga



Biografia: Me chamo Tatiane Veiga, sou acadêmica do Curso de Pedagogia Licenciatura. Adoro ler e escrever histórias infantis e faço disso um aprendizado para a minha vida acadêmica e profissional. Tenho muitas participações em Coletâneas Literárias em diversas temáticas.



BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

Silvane Fernandes

Poeta e escritora.

@silvanesilfernandes

TEMA

Cadelinha da qual é tutora (Mãezinha)

Expediente

Revista Barbante
Vol. I - Nº 02 - 01 de março de 2026

ISSN XXXX-XXXX

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe
Rosângela Trajano da Silva

Editora-adjunta
Janiara de Lima Medeiros

Revisão
Dos autores

Conselho editorial
Maria Reilta Dantas Cirino
Shirlene Santos Mafra Medeiros
Maria Emília Monteiro Porto

Webmaster/Webdesigner
Danda Trajano

Ilustrações
Silvane Fernandes

Autor corporativo

Rosângela Trajano
Natal – Rio Grande do Norte

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

